

TRABALHO SOCIAL COM POPULAÇÕES RECEPTORAS DE EMIGRANTES: UM MODELO QUASE EXPERIMENTAL PARA O FOMENTO DE ATITUDES MULTICULTURAIIS

Jordi Garcés Ferrer, Francisco Rodenas Rigla, Susana Sanchez Flores, Immaculada Verdeguer Aracil

Universidade de Valência, E.U.S.T., Espanha

Maria do Rosário Dias

Instituto Superior de Ciências da Saúde – SUL

Resumo – *O presente artigo inscreve-se no âmbito de um projecto de investigação transcultural entre Espanha, Portugal, Itália e Grécia que tem como objectivo o fomento de atitudes anti-racistas para com os imigrantes no sistema educativo. Optou-se pelo desenho experimental de um modelo denominado EUROSUR que, metodologicamente, obteve resultados satisfatórios. A hipótese principal elege o conhecimento (informação veiculada através de três vias: audiovisual, escrita e oral) como variável independente, revelando-se um factor determinante para atenuar e mesmo modificar nos jovens a configuração de preconceitos racistas para com os imigrantes. Os resultados obtidos evidenciam mudanças de atitudes reaccionárias para outras mais tolerantes ao nível dos jovens que constituíram a amostra estudada em Espanha.*

PALAVRAS-CHAVE: Informação prestada; Imigrantes; Preconceito racial; Xenofobia

KEY WORDS: Information delivered; Imigrant; Racial bias; Xenofoby

INTRODUÇÃO

Parece evidente que só a partir do exercício prático da perplexidade racional e dialógica (consequência esta última da característica da primeira e vice-versa) se torna possível operacionalizar o conceito de tolerância social (Calomarde, 1996). Apenas com o contributo das

Toda a correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Maria do Rosário Dias, Instituto Superior de Ciências da Saúde – Sul, Quinta da Granja – Travessa da Granja, 2825 Monte da Caparica.

ciências sociais a sociedade maioritária será capaz de mudar a construção social dos que interpretam, vêem e compreendem a vida e o mundo à luz de uma “axiologia de classe inferior”. A nossa contribuição para as ciências sociais a partir da dinâmica dos Serviços Sociais consistirá em decifrar as mudanças e contribuições institucionais e sociais que possibilitem uma cultura dominante cada vez menos racista e por consequência mais igualitária.

Sem dúvida alguma que seria um êxito conseguir que a cultura dominante fosse mais tolerante no que diz respeito aos valores, crenças e língua dos imigrantes. Todavia, cremos que a tolerância constitui um paradigma político – social proposto pelas instâncias oficiais europeias, que implica um mero consentimento da cultura dominante, e como tal dos grupos que detêm a autoridade e interpretam as normas e os valores no que respeita a diferenças de ordem cultural, política e social de grupos minoritários. A tolerância já encerra no seu seio uma conceptualização de poder dominante como sendo aquele que tolera, consente ou simplesmente aguenta a diferença submergida em *guethos* curtocircuitados (Garcés Ferrer *et al.*, 1996).

O multiculturalismo é um conceito que tem vindo a substituir o conceito de tolerância. Poderá dizer-se que uma sociedade é multicultural quando é permitida a existência de uma multiplicidade de culturas sem que exista um intercâmbio simbólico e interpessoal entre elas. Poderão existir muitas culturas, como se depreende do significado etimológico do termo multicultural, mas continua a existir uma concepção simbólica monista que metainterpreta, hierarquiza e domina este conceito. A tolerância e o multiculturalismo continuam, pois, a ser políticas assimilacionistas dos imigrantes, onde estes acabam por aceitar os valores e princípios da cultura dominante. A integração, conceito excessivamente manipulado sob a perspectiva funcional dos Serviços Sociais, significaria uma espécie de assimilação elegante, sem hostilização, que de forma subtil constitui um marco num Estado de Direito que, constitucional e teoricamente, garante direitos e oportunidades para todos os cidadãos.

O respeito para com os imigrantes e pela sua incorporação social e política poderá ser conseguido a partir de diferentes estratégias. Sob uma perspectiva política torna-se necessário que os actuais marcos constitucionais combinem a protecção dos direitos subjectivos com a protecção dos “direitos étnicos”. Os direitos individuais e os princípios “universalistas” beneficiam mais a maioria branca, acomodada e formada social, académica e politicamente em detrimento daqueles que não pertencem a um grupo que não necessita destes parâmetros de êxito social, mas que, isso sim, necessita de representação política proporcional nas instituições democráticas (Alonso Olaíz, 1990; Besalu, 1994; Rainer Baubock, 1996).

Sob uma perspectiva social, a incorporação dos imigrantes é exequível a partir de um processo de interculturalidade que significa, segundo Vachon (1995), um reencontro entre as culturas maioritárias e minoritárias a partir dos seus critérios e valores mais profundos para afrontar uma perspectiva transcultural, universal e supercultural que as supere a ambas, sendo certo que esse reencontro implica necessariamente um choque profundo que derivará, por sua vez, dos seus símbolos, mitos, princípios e costumes mais ancestrais, mas que se poderá resolver se cada uma das culturas aprender a conhecer os seus limites inerentes, se autointerprete e dialogue.

Sob uma perspectiva educativa, poderia implementar-se o que Diaz-Aguado e Royo García (1994, p.248) denominam de “aprendizagem cooperativa” com membros de outros

grupos étnicos, a partir da discussão e representação de conflitos étnicos com a finalidade de favorecer uma adequada compreensão das diferenças étnico-culturais, da empatia para com pessoas ou grupos que são sujeitos a situações discriminatórias e das expectativas e destrezas que permitam resolver os conflitos originados pela diversidade através da comunicação e do desenho de situações e materiais que favoreçam uma aprendizagem significativa, aproximando a actividade escolar daquela que realizam fora da escola os alunos em situação de desvantagem sócio-cultural, com o objectivo de reduzir a discrepância excessiva que existe entre ambas, proporcionando desta forma uma excelente oportunidade de educação intercultural.

A partir da área de conhecimento do Trabalho Social e Serviços Sociais adoptámos uma perspectiva anti-racista e uma metodologia multicultural e sócio-construtivista. Trabalhos como os de Macey e Moxon (1996) partem de uma postura crítica relativamente aos Serviços Sociais no Reino Unido, por ser inócuo e não poder transcender o contexto social, político, económico e ideológico onde é exercido, propondo em alternativa um Trabalho Social mais global e radical que os autores denominam de *educação do trabalho social anti-opressivo*. O anti-racismo conceptualiza-se como uma ideologia cujo objectivo é a eliminação da subordinação étnica estrutural, apostando numa política igualitarista a favor dos grupos e minorias mais desfavorecidos em termos sócio-culturais. Neste mesmo registo, George e Page (1995) corroboram as conceptualizações defendidas por Rex (1991) elegendo-o como um dos melhores representantes desta ideologia, para quem o conceito de raça é um termo mais utilizado a nível popular que um conceito científico propriamente dito. Para além disso, há uma intencionalidade funcional das ideologias dominantes no sentido da ampliação das diferenças raciais. As ideologias funcionam como sistemas de justificação ou de legitimação de desigualdades em torno de determinadas raças. Nesta linha de entendimento, como também refere Dominelli (1992), o racismo edifica-se como um conjunto axiológico de falsas ideias sobre diferenças sociais e culturais pressupostamente necessárias que derivam de diferenças genéticas igualmente pressupostas, com a finalidade de legitimar projectos reais de exclusão e subordinação. No âmbito metodológico, o multiculturalismo chega inclusivamente a converter-se num modelo de investigação em Trabalho Social.

Assim, no âmbito de um modelo de investigação em Trabalho Social, Uheara e colaboradores (1996) optaram por um modelo prático e educativo em que os objectivos, a metodologia e as implicações sócio-políticas de qualquer programa social se negociam com o grupo e com as pessoas sócio-culturalmente mais desfavorecidas com as quais se irá trabalhar. Do ponto de vista dos autores, tal pressupõe a assunção de três premissas: a) o investigador obriga-se a fazer reflexões críticas sobre o impacto histórico, económico e político do grupo social a estudar; b) pressupõe, para além disso, a democratização do processo de investigação; e c) a transformação dos objectivos da investigação em factos sociais (comunicação do princípio da justiça social). Em definitivo, o trabalho social multicultural oferecerá uma leitura crítica face à cultura e ao poder dominantes na sociedade do século XXI.

A presente investigação tem a sua origem num projecto mais amplo que tem como objectivo o fomento de atitudes anti-racistas no sistema educativo, suportando-se na crença básica de que o factor conhecimento (informação) se constitui como variável determinante que permite atenuar a configuração de preconceitos racistas perante os imigrantes.

Até hoje, e ao longo de toda a história, o conceito de imigração tem sido definido como a necessidade humana de deslocação do próprio contexto vital para outros contextos com recursos económicos e sociais suficientes. É, por conseguinte, uma manifestação estruturada em diversas dimensões, quer sociais, culturais e linguísticas, quer económicas, jurídicas e políticas. Actualmente, é difícil conceber o fenómeno da imigração imune a demonstrações de rejeição e discriminação social para com os colectivos que se deslocam, pelo que pensamos que o binómio imigração/xenofobia deverá ser tratado a partir de uma perspectiva científica que não sugira apenas explicações teóricas, mas que seja geradora de uma intervenção psico-social nas populações receptoras.

Neste contexto, a presente investigação configura-se, em primeiro lugar, na formulação das hipóteses referentes à falta de informação que os estudantes do ensino secundário mostram no que diz respeito ao significado dos conceitos relacionados com racismo e xenofobia, bem como das que se referem à mudança que a informação pode produzir nas suas atitudes para com os imigrantes. Optou-se por um desenho quase experimental de série temporal, com pré-teste e pós-teste, podendo obter-se observações antes e depois da aplicação da variável independente ao longo de um período determinado de tempo. De igual forma, foram idealizados três modelos que implicavam diferentes formas de pensar e agir relativamente aos imigrantes, constituindo a eleição de cada um deles a variável dependente. A informação transmitida aos estudantes representava a nossa variável independente, oferecida através de diferentes materiais elaborados e estruturados em três blocos: o primeiro de natureza audio-visual, o segundo composto por material escrito (elaborado a partir de uma lista de conceitos relacionados com os termos imigração e xenofobia) e o terceiro, de tipo verbal, através de um colóquio liderado por um membro de uma organização de auto-ajuda a imigrantes.

Este trabalho está também dirigido no sentido do fortalecimento da rede dos serviços sociais, com o propósito de promover atitudes que favoreçam a convivência multicultural. Cremos que as actuações que surgirem das políticas locais de bem-estar devem basear-se no princípio da compatibilização da singularidade pessoal e cultural com a co-existência e convivência com outras culturas, aceitando e compreendendo as diferenças. Uma forma eficaz e eficiente de gerir a integração de imigrantes será realizar esta tarefa na rede básica dos Serviços Sociais Gerais, instalada na Administração Local.

Por último, no âmbito do sistema educativo será necessária uma política adequada que favoreça a diversidade e o direito à diferença, evitando assim o aumento de atitudes racistas e xenóforas. É imprescindível uma intervenção constante e sistematizada, evitando o recurso a intervenções pontuais, normalmente pouco eficazes, se quisermos que se produza uma mudança significativa na aceitação e valorização dos outros.

A investigação que seguidamente se descreve teve subjacentes as seguintes questões orientadoras: (1) Os estudantes do ensino secundário manifestam falta de informação sobre os conceitos relacionados com o racismo e a xenofobia; (2) Os estudantes detentores de um maior nível de informação escolherão modelos de atitude menos reaccionários perante os imigrantes e, portanto, realizarão mais acções positivas em favor deles.

METODOLOGIA

Recorreu-se à *Consejería de Educación y Ciencia* no sentido de obter uma relação da totalidade dos estabelecimentos de ensino secundário, públicos e privados, da cidade de Valência, que iriam constituir o universo da amostra. Porém, dado tratar-se de um estudo preliminar, optou-se por reduzir a amostra, limitando o seu universo a um estabelecimento público e a um privado, escolhidos aleatoriamente. Do conjunto de estudantes foram escolhidos, de forma igualmente aleatória, aqueles que frequentavam o 10º ano de escolaridade.

Tratando-se de um estudo inicial e preliminar foi decidido aplicar um desenho quase experimental em termos de comprovação das hipóteses de trabalho. Este tipo de desenho comporta uma série de desvantagens, tal como a impossibilidade de levar a cabo um controlo experimental estrito devido ao facto da variável independente não ser manipulada directamente pelo experimentador, mas sim seleccionada. Assim, quando a variável independente actua, são observadas as mudanças produzidas na variável dependente. Estes desenhos, embora não sejam tão válidos como os desenhos experimentais, ajudam a delimitar as possíveis explicações dos fenómenos sociais, rejeitando as hipóteses alternativas e apontando no sentido da futura explicação causal de tais fenómenos. De entre os desenhos quase experimentais foi escolhido o desenho temporal com pré-teste e pós-teste, mediante o qual se poderão obter observações antes e depois da aplicação da variável independente, ao longo de um período determinado.

Para testar a primeira hipótese pediu-se aos estudantes que definissem os diferentes conceitos seleccionados. Para a segunda hipótese foi obtida em primeiro lugar uma linha base (pré-teste) sobre a variável dependente (VD). Pediu-se aos estudantes que integravam os grupos experimental e de controlo que escolhessem um dos três modelos previamente adoptados e que descrevessem alguma acção positiva que, nalguma ocasião, tivessem porventura realizado a favor de pessoas imigrantes. A partir deste momento aplicou-se a variável independente (VI) ao grupo experimental fornecendo informação por diversos meios que adiante serão detalhados. Três meses mais tarde aplicou-se o pós-teste, quer ao grupo experimental quer ao grupo de controlo. De novo os estudantes foram convidados a escolher um dos três modelos e a descrever acções positivas que tivessem realizado desde aquela altura. Verificava-se, assim, de que forma a variável independente (informação) tinha influenciado a variável dependente (eleição de modelos e acções positivas).

Instrumentos

Neste estudo foram desenhados três modelos que traduzem outras tantas formas de pensar e actuar relativamente ao fenómeno da imigração, pressupondo que, perante os imigrantes, as pessoas reagem no sentido de algum dos três modelos, sem contudo pretender esgotar, com estes três pressupostos, os possíveis modos de sentir, actuar e pensar sobre aqueles fenómenos psico-sociais.

Por outro lado, pressupõe-se que o sistema axiológico pessoal e/ou de grupo determinará um processamento cognitivo e comportamentos específicos que levarão a pensar e agir a favor ou contra os imigrantes. Foi exactamente assim que o grupo de investigação pensou estruturar os modelos. Cada um deles tem um objectivo, o qual é seguido de pensamentos básicos que o sustentam, para passar às acções positivas, aos pensamentos concretos que uma pessoa ou grupo de pessoas estaria na disposição de levar a cabo se concordasse com o modelo.

O primeiro dos três modelos, designado pela letra **R**, está teoricamente conceptualizado como um modelo reaccionário, sendo o objectivo principal o de assimilar os imigrantes aos padrões culturais da sociedade maioritária receptora. Tal assimilação implicará a incorporação do imigrante na cultura autóctone, transformando assim os seus padrões, ao diluí-los na cultura receptora maioritária. É um modelo que não respeita a singularidade cultural da pessoa imigrante, pressupondo um conflito de valores com a sociedade receptora. De igual modo, os sujeitos que optarem por este modelo racionalizam através do individualismo que as pessoas devem solucionar por si próprias os problemas que lhes dizem respeito, não estando dispostas a empreender acções positivas a favor dos imigrantes.

O segundo modelo, designado pela letra **G**, promove a interacção de diferentes culturas e implica diferentes acções a serem realizadas. Neste caso, opta-se pela tolerância, podendo o modelo ser identificado como aquele que promove democraticamente o fenómeno multicultural. Se, por um lado, não se empenha na defesa “seja como for” dos imigrantes, favorece, por outro, a convivência intercultural e o respeito pelas normas estabelecidas.

O terceiro e último modelo, que foi designado pela letra **Y**, é puramente anti-racista e tem como objectivo que os imigrantes tenham os mesmos direitos e oportunidades que os membros do país receptor. É crítico para com o *establishment* no que diz respeito às leis que limitam esses direitos e pressupõe um grau de implicação pessoal e política activa a favor dos imigrantes.

Elaboração de materiais

Material audiovisual

Partindo da hipótese de que a informação é uma variável que influi na atitude dos jovens perante o racismo e a xenofobia, elaborou-se também material audiovisual para operacionalizar a referida variável.

Para a elaboração deste material partiu-se do pressuposto de que os países que são banhados pelo Mediterrâneo compartilham similitudes culturais que, numa perspectiva etnocêntrica, são aparentemente interpretadas como antagónicas. A forma de desfazer este preconceito consistia, a nosso ver, em exprimir, através de imagens, como os hábitos de todos esses países têm pontos de referência comuns.

Para operacionalizar esta ideia foram seleccionados, primeiramente através de um critério de proximidade, alguns países mediterrânicos, tendo-se escolhido, de entre eles, Tunísia,

Marrocos, Argélia e Espanha. Após esta escolha, coligiram-se materiais bibliográficos descritivos da cultura desses países. Quatro juizes responsabilizaram-se, de forma individual, pela identificação das características estruturantes de cada uma das suas culturas. Posteriormente, juntou-se todo o material e discutiram-se as suas características com o objectivo de extrair os factores empíricos comuns relativos à economia, artesanato, cultura e costumes. Todos eles ficaram reflectidos no guião literário que foi posteriormente adaptado para guião cinematográfico. Após várias reuniões, os módulos propostos no guião literário inicial ficaram definidos da seguinte forma: realidade física, humana (pessoas e povos), trabalho, actividades e, em último lugar, a cultura. As imagens foram visualizadas pela equipa de investigação numa reunião de supervisão, a fim de comprovar a adequação das mesmas aos objectivos propostos. Numa segunda sessão foram visionadas por vários juizes para recolha de opinião.

Material escrito

O material escrito foi elaborado a partir da recompilação, selecção e posterior leitura do material bibliográfico reunido pela equipa de trabalho relativamente aos temas do racismo, xenofobia e imigração. Foi a partir desses textos bibliográficos que cada um dos juizes fez uma primeira extracção dos conceitos mais significativos e representativos, normalmente utilizados pelos meios de comunicação social. Num primeiro momento, o número de termos seleccionados foi de catorze. O passo seguinte consistiu em dar uma definição clara e simples de cada um dos conceitos, sem desvirtuar as definições oferecidas pelos diferentes autores especialistas neste campo, introduzindo as mudanças mais oportunas na linha dos critérios assinalados, tendo em atenção que os receptores do material eram estudantes do ensino secundário. Através de diferentes sessões de trabalho de equipa foram sendo propostas modificações destes conceitos, até à sua delimitação final. Os doze conceitos definitivamente adoptados foram os seguintes: asilado, etnocentrismo, xenofobia, nacionalismo, imigrante, grupo étnico, discriminação, refugiado, preconceito, racismo, solidariedade e segregação.

Material verbal

A informação como variável independente e determinante para a mudança de atitudes racistas complementava-se através de uma informação verbal aos estudantes que integravam o grupo experimental. Esta informação foi oferecida através de uma conferência proferida pelo líder de uma Organização não Governamental de ajuda a imigrantes sediada na cidade de Valência. Neste caso concreto, tratou-se de uma organização de auto-ajuda constituída por senegaleses. O conferencista expôs uma série de informações que previamente tinha partilhado com a equipa de investigação no sentido de avaliar a sua pertinência. As temáticas escolhidas estavam relacionadas com a geografia do país e com a sua situação económica, política e social. Foram igualmente abordados os aspectos históricos que tinham a ver com a criação da

Associação, objectivos, desenvolvimento, programa de actividades, infraestruturas e atendimento público. Para além disso, foram ainda expostas as funções desenvolvidas pelo voluntariado desta associação, o trabalho que estava sendo realizado na altura bem como as propostas futuras. A intervenção do conferencista convidado teve uma duração máxima de trinta minutos, abrindo-se posteriormente um debate sobre as questões que tinham suscitado maior interesse entre os estudantes.

Procedimento

No grupo de controlo, a primeira sessão, de aproximadamente trinta e cinco minutos, foi dividida em três partes. Na primeira parte, um professor do estabelecimento de ensino, seleccionado aleatoriamente, apresentou os investigadores e prestou aos estudantes a informação necessária para iniciar a intervenção. Foram então ditados aos estudantes os conceitos aos quais deveriam posteriormente atribuir uma definição. Na segunda parte foram entregues os três modelos, tendo sido explicado aos estudantes que os modelos traduziam maneiras diferentes de entender o fenómeno da imigração e que deveriam escolher aquele com que mais se identificassem. Por último, foi-lhes solicitado que descrevessem as possíveis acções positivas que, até esse momento, tivessem realizado a favor dos imigrantes. Três meses depois do pré-teste realizou-se uma segunda sessão, dividida em duas partes. Na primeira parte, os três modelos foram de novo entregues aos estudantes para que escolhessem um deles e, na segunda parte, pediu-se-lhes que descrevessem as acções positivas que tivessem realizado a favor dos imigrantes desde a primeira sessão.

Relativamente ao grupo experimental, a primeira sessão foi idêntica à realizada com o grupo de controlo. Uma semana depois foi realizada a segunda sessão, a qual foi dividida em duas partes. Na primeira parte foi projectado material audiovisual, oferecendo-se informação sobre as diferentes culturas dos países banhados pelo Mediterrâneo. Na segunda parte foram devolvidas aos estudantes as suas próprias definições dos diferentes conceitos (elaboradas na semana anterior) por forma a que as pudessem comparar com as definições correctas que lhes foram entregues no momento. A terceira sessão foi realizada uma semana depois com a intervenção de um conferencista convidado. Três meses depois do pré-teste teve lugar a quarta sessão, dividida em duas partes. Na primeira parte entregaram-se novamente os três modelos para que fosse novamente escolhido um deles e na segunda parte foi-lhes solicitado que descrevessem as acções positivas a favor dos imigrantes que tivessem realizado desde a primeira sessão.

RESULTADOS

Partindo dos dados obtidos no pré-teste, os resultados obtidos relativamente ao nível de conhecimento dos conceitos indicam que os estudantes do ensino secundário que participaram

no estudo preliminar não estavam muito certos da significação de determinados conceitos relacionados com o fenómeno da imigração. Dentro deste desconhecimento geral, estavam mais certos do significado dos conceitos: solidariedade, imigrante, discriminação, refugiado, xenofobia e racismo, por esta ordem. O significado dos conceitos: asilado, segregação, etnocentrismo, preconceito e grupo étnico era para eles menos conhecido.

No que respeita à eleição de modelos, quando se compararam os resultados obtidos nos grupos de controlo e experimental (no pré-teste e no pós-teste) salientam-se algumas mudanças significativas. A primeira evidencia-se ao nível do aumento da rejeição do modelo racista (R) entre os estudantes inseridos nos grupos aos quais foi fornecida informação através do material audiovisual, escrito e verbal. Estes estudantes afastaram-se assim das “posturas reaccionárias” que propunham o desprezo para com os imigrantes e para com a sua cultura, tendo como objectivo a assimilação dos padrões culturais da sociedade maioritária. Por outro lado, verifica-se que nos grupos experimentais aumenta o número de estudantes que escolhem o modelo tolerante (G) que opta pelo conhecimento e respeito mútuos, bem como pela promoção democrática do fenómeno multicultural.

Relativamente ao tipo de estabelecimento de ensino, foram observadas algumas diferenças ao nível da preferência entre os estudantes do estabelecimento público e do privado. No grupo experimental do estabelecimento público, após o processo de intervenção, verificou-se um aumento do número de estudantes que se inclinavam para o modelo que fomenta a garantia dos direitos e liberdades dos imigrantes, promovendo a implicação pessoal dos jovens na mudança de situações que geram desigualdade e rejeição (Y). Ao mesmo tempo, o número de estudantes que manteve uma postura tolerante de interacção num contexto de respeito mútuo, descrita no modelo G, permaneceu constante. Relativamente ao estabelecimento privado, observou-se que, no grupo de estudantes que recebeu informação (experimental), duplicou o número de estudantes que optaram pelo modelo G. Em ambos os casos, o número de estudantes que escolheram o modelo individualista (R), baseado na rejeição e na discriminação, diminuiu de uma sessão para a outra.

Conforme se poderá verificar, comprova-se que o aumento do nível de informação prestada traz consigo uma mudança de posturas reaccionárias para outras atitudes tendencialmente mais solidárias e tolerantes.

A análise qualitativa das acções positivas realizadas a favor dos imigrantes pelos estudantes envolvidos na pesquisa permitiu-nos elaborar uma classificação simples que gradua claramente este tipo de acções. Desta forma, obteve-se um grupo de acções positivas que denominámos de **fracas** e outro que qualificámos de **fortes**. As primeiras referiam-se às que foram originadas por uma sensibilidade para com os imigrantes que motivava a prestação de algum tipo de ajuda e demonstrações de solidariedade “baixa” para com os imigrantes. As segundas são acções positivas fortes devido ao facto de apresentarem um maior grau de implicação pessoal. Neste caso, observava-se uma predisposição para determinadas atitudes nas quais o estudante declarava manifestamente a sua ideologia e era motivado para realizar uma acção positiva concreta.

As acções positivas examinadas no pré-teste respondem, em geral, às de tipo fraco. Os estudantes consideravam como acções positivas a amizade que mantinham com pessoas de

outra etnia, os donativos, quer económicos, quer em géneros (embora prevalecessem os primeiros) e, ainda, a assistência a encontros onde se tratavam temas relacionados com os imigrantes, tais como o racismo e a xenofobia. Embora de forma minoritária, um outro grupo de acções identificáveis no pré-teste dava mais um passo na implicação pessoal, uma vez que se tratava de actividades nas quais predominava a iniciativa pessoal, uma maior vinculação e maiores laços de união. Por exemplo, conectar imigrantes com grupos ou associações de ajuda e participação em manifestações contra o racismo e a xenofobia. Assinale-se, contudo, que estas acções se concentraram num grupo reduzido de estudantes.

No pós-teste observou-se um aumento do número de acções positivas. Assim, às acções fracas anteriormente referidas acrescentava-se o visionamento de filmes e consultas documentais directamente relacionadas com o tema, a realização de trabalhos na aula e a compra de objectos a imigrantes. Relativamente a este tipo de acções não foram observadas diferenças significativas entre o grupo experimental e o grupo de controlo, excepto na participação em manifestações contra a “Lei de Estrangeiros” e a de apoio ao montante de 0.7% do PIB para os países chamados do “Terceiro Mundo”. Ainda mais significativo foi o incremento verificado nas acções positivas fortes, sobretudo ao nível dos grupos experimentais, destacando-se a vinculação a organizações anti-racistas, ajudas a imigrantes em discussões racistas, pinturas murais anti-racistas, proposta de conversas familiares com o objectivo de mostrar as dificuldades que sofrem os imigrantes e defendê-los de ataques e insultos. Também podemos incluir a vocação profissional para o trabalho social ou acções de voluntariado e, por último, o aconselhamento a colegas de turma, imigrantes, no sentido de evitar a exploração ou a discriminação.

As acções positivas fracas mostram um primeiro nível de solidariedade, designadamente acções que implicam uma aproximação ao conhecimento multicultural configurado ao nível de filmes temáticos, livros, trabalhos ou debates, mas a distância vai diminuindo à medida que o grau de compromisso cresce. O expoente mais elevado dessa implicação situa-se na defesa pública de imigrantes perante insultos do grupo de iguais. Destacou-se, igualmente, o interesse demonstrado pelos estudantes em informar e explicar, em suma por difundir a igualdade entre as pessoas, embora provenientes de outros lugares ou culturas.

DISCUSSÃO

Pretendeu-se com esta investigação pôr em relevo o papel da informação prestada relativamente aos fenómenos do racismo e da xenofobia directamente vinculados à imigração. Constatamos que é necessário e possível utilizar a informação como instrumento de intervenção positiva perante estes fenómenos. Por isso, dever-se-á começar por construir novos modelos teóricos imaginativos que incidam sobre o factor informação, dirigidos a toda a população, embora prioritariamente para os sectores mais jovens, que permitam levar a cabo uma acção educativa neste campo. Pensamos, de igual forma, que esta estratégia de intervenção educativa poderia inserir-se nos programas de Prestações Básicas dos Serviços Sociais Gerais instalados na

Administração Local. O motivo pelo qual defendemos que a estratégia de intervenção se situe a este nível fica a dever-se a três ordens de razões. Em primeiro lugar, estamos a falar de recursos normalizados, já em funcionamento e com prestações básicas conhecidas da população (programas de informação, convivência, emergência social, cooperação e inserção). Em segundo lugar porque constituem recursos realmente mais próximos do imigrante, possibilitando um conhecimento e uma planificação idónea. Por último, através da rede básica é exequível a coordenação dos recursos públicos com os de iniciativa social. Mais concretamente, achamos que este “Programa de Sensibilização de Informação”, prioritariamente destinado aos sectores jovens da população, poderia fazer parte das modalidades de actuação do Programa Geral de Informação, Orientação e Aconselhamento. Tratar-se-ia de levar a cabo um trabalho social educativo, quer através das Associações de Juventude, quer dos estabelecimentos de ensino primário e secundário, juntamente com as equipas psico-pedagógicas inscritas no organigrama local. A partir de programas com estas características poderão emergir grupos de apoio social e grupos intermediários que estruturam a rede local e activem a participação da sociedade.

Relativamente ao sistema educativo e após a realização da intervenção, consideramos necessário aplicar um programa nos diferentes estabelecimentos de ensino que tenha como objectivo primordial produzir uma mudança de atitudes que favoreça a convivência multi-racial. Esta política educativa teria hoje ainda mais sentido devido ao aumento das sociedades multi-étnicas, muito mais ricas em matices linguísticos, musicais, literários, históricos e lúdicos, do que as mono-étnicas. Uma sociedade deste tipo permite o acesso a outras culturas mediante o contacto com pessoas que vivenciaram realidades diametralmente opostas às nossas, devendo produzir, de forma obrigatória, cidadãos educados no respeito por outras identidades. A diversidade é, portanto, sinónimo de riqueza.

Todavia, a realidade é diversa. À medida que se produz um aumento da imigração, detecta-se uma crescente rejeição das pessoas que, empurradas pelos conflitos armados, pela perda do solo ou por economias desmoronadas, realizam a prometida viagem para as sociedades ocidentais.

Sem uma política educativa apropriada que insista na diversidade e no respeito à diferença, detectar-se-ão, cada vez em maior medida, atitudes de rejeição para com os imigrantes. Para atingir o que ficou exposto nas linhas anteriores seria necessário um projecto educativo sistemático e permanente, uma vez que as intervenções pontuais são pouco efectivas e não conduzem habitualmente aos resultados esperados. Mediante uma intervenção sistematizada registar-se-á uma mudança de atitudes que poderá favorecer a aceitação e a valorização dos outros. Estará, pois, nas mãos dos profissionais, mediar e fazer ocorrer o desenvolvimento de uma maior compreensão e de um maior respeito pelos direitos fundamentais.

Não resta a este processo outra opção que não seja a activação da participação dos pais, profissionais dos serviços sociais, gabinetes psico-pedagógicos escolares e membros das associações locais, organizações não governamentais e, como é óbvio, a dos próprios imigrantes.

NOTA

A presente investigação foi financiada pelas seguintes entidades: Universitat de València, 1993; Ministerio de Asuntos Sociales, Dirección General de Migraciones, 1993 e Catèdra UNESCO, Universitat de València, 1994.

REFERÊNCIAS

- A Alonso Oláiz, E. (1990). Minorias étnicas, inmigrantes extranjeros, racismo y trabajo social comunitario. *Revista de Trabajo Social*, 17, 89-101.
- Baubock, R. (1996). Cultural minority rights for immigrants. *International Migration Review*, 30, 1, 203-250.
- Besalu, X. (1994). Education intercultural en Europa. *Documentation Social*, 97, 115-128.
- Calomarde, J. (1996). Prática perpleja de la tolerancia. *Claves de Razon Pratica*, 59, 62-65.
- Diaz-Aguado, M.J. & Royo Garcia, P. (1994). Educar para la tolerancia. Programas para favorecer o desarrollo de la tolerancia a la diversidad. *Infancia y Sociedad*, 27/28, 248-260.
- Dominelli, L. (1992). An uncaring profession? An examination of racism in social work. In Braham, P., Rattansi, A. & Skellington, R. (Eds.), *Racism and antiracism: Inequalities, opportunities and policies*. London: Sage Publications.
- Garcés Ferrer, J. et al. (1996). Inmigrantes en España. Heurísticos para la interculturalidad. In J. Garcés Ferrer & A. Martínez Roman (Eds.), *Bienestar social y necesidades especiales*. Valencia: Tirant Lo Blanch.
- George, V. & Page, R. (1995). *Modern thinkers on welfare*. London: Prentice Hall.
- Macey, M. & Moxon, E. (1996). An examination of anti-racist and anti-oppressive theory and practice in social work education. *British Journal of Social Work*, 26, 3, 297-311.
- Uehara, E. et al. (1996). Toward a values-based approach to multicultural social work research. *Social Work*, 41, 6, 613-621.
- Vachon, R. (1995). Guswenta uo l'imperatif interculturel. *Interculture*, 30, 2, 216-232.

SOCIAL WORK WITH IMIGRANT-RECEIVING POPULATIONS: AN ALMOST EXPERIMENTAL MODEL TO THE DEVELOPMENT OF MULTICULTURAL ATTITUDES

ABSTRACT

The present article is inscribed in a transcultural research project involving Spain, Portugal, Italy and Greece which aim is the development of anti-racist attitudes toward immigrants inside the educational system. An experimental design of a model named EUROSUR has been selected, and satisfactory results were obtained with its methodological implementation. The main question elects knowledge (information delivered through three different ways: audiovisual, written and oral) as the independent variable, which reveals to be one of the key factors to mitigate and even to change in young people the configuration of racial bias toward immigrants. The results show visible changes from reactionary attitudes to more tolerant ones in the group of young people belonging to the spanish sample.